



# LABORATÓRIO DE PERFORMANCE

## FRANCLIN CORREIA DA ROCHA

(Franclin Rocha), Educador/Ator/Performer/Produtor Cultural, é graduado em Licenciatura em Teatro pela UFBA, especialista em Arte-Educação Cultural Brasileira e Linguagens Artísticas contemporâneas pela UFBA. Dentre os trabalhos realizados, destaca-se como performer do espetáculo *Líquido, Gasoso e Pastoso* (2020), com a performance *Amor +*, Grupo Usina de Teatro; vídeo-dança *Bem me quer, Mal me quer*, do Lab de Performance Solos Ano II, do Balé do Teatro Castro Alves – BTCA, *Ará Irokó* (2021), *Eu não contei para o meu pai que tinha Aids* (2022) performance solo autobiográfica. E-mail: [franclinprodutorssa@gmail.com](mailto:franclinprodutorssa@gmail.com)

## **RESUMO**

Desejei desatar nós, romper barreiras do indizível, do interdito, realinhar-me à vida, tomar as rédeas da vida, desdramatizar a aids, engajar pessoas pela cura, desconstruir o estigma, reconstruir narrativas positivas, desfazer silêncios, imaginários, iluminar a existência desses corpos soropositivos, de pessoas que vivem com HIV/AIDS. Essas tornaram-se minhas tarefas-saberes, como aluno-pesquisador, durante o Laboratório de Performance.

## **PALAVRAS-CHAVE:**

Silêncio. Estigma. Aids. Laboratório. Cura.

## **PERFORMANCE LAB**

### **ABSTRACT**

*I wished to untie knots, break barriers of the unspeakable and the interdicted, realign myself to life, take the reins of life, de-dramatise AIDS, engage people for healing, deconstruct the stigma, undo silences and imaginaries, reconstruct positive narratives and illuminate the existence of these bodies of people living with HIV/AIDS. These became my tasks-knowledge, as a student-researcher, during the laboratory.*

### **KEYWORDS:**

*Silence. Stigma. AIDS. Laboratory. Cure.*



**“[...] Onde estão as positivas?”**

**As positHIVas estão em todos os lugares [...] Sendo devoradas no silêncio e ardendo no fogo da sua indiferença.**

**Indiferença que você aprendeu a cultivar e que mata corpos como o meu, mas como o teu também. “**

*(LOKA DE EFAVIRENZ, 2018)<sup>1</sup>*

### **O artigo traz uma provocação**, por entender que

o silêncio e a indiferença às pessoas que vivem com HIV/AIDS por causa do estigma<sup>2</sup> social gera, a estes corpos soropositivos,<sup>3</sup> discriminações e preconceitos. O objetivo é diminuir o silêncio e a indiferença sobre a urgente necessidade de tratar do tema HIV/AIDS. Com o fragmento da música *Hello, Vivas (Dando Version)*, autoria do Coletivo Loka de Efavirenz, questiono ser entre os alunos-pesquisadores da disciplina Laboratório de Performance aquele que fala abertamente e se expõe para tratar sobre a temática como abordagem para pesquisa através da Arte do Movimento, e indago sobre onde estão os outros pesquisadores soropositivos.

O espaço oferecido nos encontros, nas aulas, de forma on-line durante os meses de abril, maio e junho, apresentou-se como um lugar propício para a criação de diálogo e trocas de conhecimentos.

Neste artigo, tento lembrar a experiência, trazer minhas memórias a partir da poética que ia surgindo durante a vivência, e não a partir de uma ordem cronológica. Discorro, enquanto aluno-pesquisador, sobre uma tentativa de responder anseios e questionamentos. Afinal, o que me levou a falar abertamente sobre HIV/AIDS e expor minha sorologia para HIV/AIDS?

Na ocasião, aproveitei a disciplina Laboratório de Performance (TEA 794), do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA, da Profa. Ciane Fernandes, que vem desenvolvendo, há mais de dez anos com estudantes da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA), a Pesquisa Somática-Performativa (PSP) para explorar a temática na investigação.

<sup>1</sup> Disponível em: <https://soundcloud.com/dando-afesta/hello-feat-loka--de-efavirenz-vivas--dando-version>. Acesso em: 05 jun. 2021.

<sup>2</sup> Para Ervin Goffman (1981,) estigma seria “[...] a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena. (p. 4)

<sup>3</sup> A sorologia está relacionada ao estudo analítico do soro sanguíneo. De forma prática, o principal objetivo do **exame de sorologia** é identificar a presença de antígenos pertencentes a vários microrganismos e de anticorpos que são desenvolvidos como resposta à presença destes agentes infecciosos no sangue do paciente. Através desse procedimento é possível identificar doenças como a Sífilis, Dengue, Herpes, HIV, Raiva, Toxoplasmose e várias outras. Disponível em: <http://www.laboranalise.com.br/exame-de-sorologia-para-que-serve/> Acesso em: 13 de nov de 2022.



Na escrita textual, de maneira criativa, dissidente, irei utilizar dois canais de comunicação que já foram por muito tempo interditados, como a boca e o ânus.

A boca por muito tempo foi e ainda é para alguns corpos positivos o emudecimento, o impedimento da fala, o lugar do medo, do segredo, do sigilo. Já o ânus, por onde sai a excreção, é uma das vias de contágio do HIV. Colocarei o cu na roda, na narrativa que é dissidente, também como uma forma transgressora, propondo uma outra lógica. Acabando com seu impedimento, quebrando paradigmas, derrubando seu entupimento. Dele sairá o mais puro excremento: a informação.

No artigo *Pode um cú mestiço falar?*,<sup>4</sup> de Jota Mombaça (2015), a performance de Pedra Costa em *Verarschung 20* (2018) em videoperformance, o órgão é utilizado politicamente pelo performer como canal de deslocamento contrahegemônico da fala, comunicação e do prazer. Uma fala subalterna manifestada pelo cu. Uma fala à margem, aqui, na tentativa de inventar novas formas de me expressar.

Sobre a boca que deglute o alimento, trata-se de uma local territorializado como lugar de tortura de negros escravizados no período colonial: “[...] a máscara do silenciamento [...] usada por senhores brancos para evitar que africanas/os, escravizadas/os comessem cana-de-açúcar e cacau enquanto trabalhavam nas plantações [...]”, (KILOMBA, 2015, p. 33). Uma forma cruel e violenta de implementar mudez e medo, como explica a portuguesa Grada Kilomba, em seu livro *Memórias de uma plantação* (2015).

Pegando gancho nas ideias da escritora nordestina Jota Mombaça (2015):

No que diz respeito ao silêncio subalterno, gostaria de propor um movimento inspirado de Krabbe. Em lugar da pergunta sobre se pode ou não o subalterno falar, invoco outra: que ocorre quando umx subalternx fala? Desse modo, procuro relocalizar uma crise que tem, por muito tempo, servido para despotencializar a nós, sujeitxs fora das gramáticas da produção de saber. Ao invés de pôr em dúvida nossa capacidade de forjar discursos e saberes desde as subalternidades, escolho interrogar a capacidade dos marcos hegemonicamente consolidados de reconhecer nossas diferenças. Assim é que, no limite mesmo da minha pergunta, insinua-se ainda outra: pode

<sup>4</sup> Disponível em: <https://medium.com/@jota-mombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915e-d9c61ee> Acesso em: 13 nov. 2022.



um saber dominante escutar uma fala subalterna quando ela se manifesta?  
(MOMBAÇA, 2015, p.10)

E quando um soropositivo fala, ele é escutado? E quando fala, o que acontece? São perguntas que surgiram em um dos encontros on-line do Laboratório de Performance. Como outras perguntas, feitas pela Profa. Ciane Fernandes: “Como se move o que te move?” “Como nos movemos e somos movidos pela pesquisa?” Se nos movemos, de onde vem essa movência? Desse modo, nós, alunos-pesquisadores, dançamos delineando o processo de pesquisa guiado por modos dinâmicos do corpo como um todo, integrando sensação, sentimento, pensamento, intuição, pulsão e espaço, experiência e análise.

“O que é fundamental na pesquisa?” “O que é importante?” Lembro-me que os meses de laboratório foram determinantes para entender a relevância da disciplina, do tipo de pesquisa, incomum para mim, de outras vivências de laboratório. O trabalho desenvolvido de prática artística como pesquisa me ajudou a falar mais abertamente sobre HIV/AIDS, serviu como um caminho para ressignificar as imagens, o imaginário construído socialmente ao longo dos anos acerca da aids, de sua epidemia, além de afetar a minha escrita.

Os caminhos, e/ou o caminho para a pesquisa, foram descobertos coletivamente, em movimento. De maneira simultânea, integrada, afetuosa e cinestésica, por meio de uma conexão virtualizada, porém, com as presenças de todos os alunos-pesquisadores. Com/de nossos impulsos internos, de forma sincronizada, criatividade, imprevisível, em fluxo contínuo, dinâmico, de forma sensível, por meio de nossas células, abrindo, vibrando dentro e fora, interna e externamente.

A movência se dava com as diferentes poéticas, estéticas e narrativas. Um processo a ser realizado com a prática, a prática como pesquisa.

A Prática como Pesquisa implica em uma associação estreita e inerente entre pesquisa, criação e realização, como processos simultâneos e interdependentes de procedimentos, metodologias e construções de conhecimento, gerando ou não um resultado artístico (encenação, performance, iluminação, exposição etc.). (FERNANDES, 2013, p. 25)



A pesquisadora, colaboradora do PPGAC-UFBA, Melina Scialom, que vem desenvolvendo pesquisas em Educação Somática e Prática como Pesquisa Artística, explica que:

No caso da prática artística como pesquisa, a investigação extrapola a criação e o processo artístico e se torna o modo através do qual organizamos materiais diversos, com resultados para além do produto estético. Resultados que são compartilhados e reproduzidos como conhecimento, a fim de contribuir para campos do ensino, da pesquisa, do fazer artístico como um todo e para além dele. (SCIALOM, 2016, p. 7)

Segundo o pensamento da professora Ciane Fernandes, do Laboratório de Performance, “[...] o pesquisador somático é performer imersivo, ou seja, integra a experiência e análise em tempo real, desconstrói o estudo como objeto passivo e manipulável.” (FERNANDES, 2016, p. 122). E acrescenta:

O pesquisador-performer somático não apenas está imerso na pesquisa enquanto campo iminente de descobertas, não é em si mesmo parte desse campo, a partir da experiência vivida em espaço-tempo. A pesquisa interna do pesquisador se faz no corpo pessoal em sintonia com o meio em movimento. (FERNANDES, 2016, p. 122)

Com o meu corpo, fui entendendo que, a partir do movimento, da Arte do Movimento, do impulso, fazia reflexões e conexões com a produção de conhecimento e a aprendizagem no momento presente. E o fiz, destacando a importância da sabedoria do corpo, no conhecimento desenvolvido no e através do corpo.

Ainda de acordo com a professora Ciane Fernandes, do Laboratório de Performance, sobre a Arte do Movimento:

[...] suas premissas enfatizam inteligências somáticas e plurais, existentes tanto no pesquisador quanto nos temas, obras e campos pesquisados, pulverizando forças criativas e determinantes de processos de pesquisa eminentemente relacionais e imprevisíveis. Neste contexto, pesquisador e obra de arte, bem como arte e pesquisa, tornam-se duetos de transformação mútua. (FERNANDES, 2018, p. 6)



A aprendizagem acontecia, era catártica e muito sensível; gerou autoconhecimento, mexia com aspectos dentro de mim, como, por exemplo, a culpa que sentia em conviver com o vírus do HIV . Fazia analogias com outras aulas que tivemos, nas quais exploramos a relação corpo-ambiente com o peso. Metaforicamente imaginava ser o mesmo peso, uma impressão que carrego há anos por ser soropositivo. Ao compartilhar essa vivência com os colegas do Laboratório, imaginava: “você não está sozinho”, a experiência com uma doença pode acontecer com qualquer pessoa.

***“Um corpo sem juízo que não quer saber do paraíso, mas sabe que mudar o destino é seu compromisso.”***

*(Jup do Bairro, 2021)<sup>5</sup>*

Desde 2020, venho mudando o destino que me quiseram impor: o silêncio. Silêncio que perdurou na descoberta do vírus e suas causas nas primeira e segunda décadas antes dos antirretrovirais (coquetel) de 1996, da ideia de adoecimento e morte como destino aos corpos que vivem com HIV/AIDS, preferindo viver de amor, o amor íntimo como dispositivo de transformação. O amor como forma de cura.

Entenda o “amor na centralidade da vida”, como “prática transformadora”, o amor como “[...] possibilidade de rompermos o ciclo de perpetuação de dores e violências para caminhar rumo a uma “sociedade amorosa [...]”. (hooks, 2021, p. 10)

Então, o amor pode ser “um ato revolucionário”, pode assumir atitudes capazes de alterar as estruturas sociais. O amor me tornou mais forte, mais potente, mais conectado nesse processo de laboratório. No referido processo, conhecemos a abordagem somática e entendemos o corpo como um organismo vivo, algo experimentado:

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.jupdobairro.com/>. Acesso em: 30 jun. 2021.



Organismos vivos desafiam ser descritos como “corpos”. Eles têm uma ordem movente e uma legalidade em si mesmos que viola o conceito estável de ‘corpo’. Organismos vivos são somas: isto é, eles são um processo integral e ordenado de elementos corporificados que não podem ser separados quer seja de seus passados evolutivos ou de seus futuros adaptativos. Um soma é qualquer corporificação de um processo que perdura e se adapta através do tempo, e ele permanece um soma enquanto viver. O momento em que ele morre deixa de ser um soma e torna-se um corpo. (FERNANDES *apud* HANNA, 2013, p. 26)

Enquanto “organismo vivo”, ser corporificado, o processo investigativo através do movimento me trouxe memórias dos meus primeiros movimentos coreografados de dança-afro (capoeira, maculelê), moderna, ballet, no ensino fundamental, pela professora Nadir Nóbrega,<sup>6</sup> e também como ator com as aulas de Zebrinha.<sup>7</sup> Pensando minha corporeidade, trazendo meus ancestrais para a gira, a “roda virtual”, meus conhecimentos tácitos, reconheci alguns movimentos dessas experiências na pesquisa-laboratório.

Para Fernandes, “A vida se transforma ao se repetir (ou melhor, reconstruir), paradoxalmente definindo seu próprio *modus operandi* ao se multiplicar no diferente.” (FERNANDES, 2014, p. 80)

Abria meu corpo, meus corpos, que nomeei: corpo-vida, corpo-bula, corpo-bulir, corpo-antídoto, corpo-remédio, corpo-feitiço, corpo-cura, disponíveis ao devir, entre a consciência e inconsciência, atenção, dentro e fora da água, como um peixe fora d’água, imergindo, emergindo, terra, raízes, céu, cauda, nadando, banhando, remando em sintonia, porém algo me incomodava. *Tente entender o que tento te dizer – poesia + hiv/aids*, de Mello (2018),<sup>8</sup> é uma antologia poética que reúne artistas da literatura pós-coquetel,<sup>9</sup> que ajuda na percepção que tinha de que quanto mais me movia em conexão com outros corpos-criativos-improvisadores em laboratório e propunha uma pesquisa sobrenome dela a a pessoa tão confiável e a temática HIV/AIDS, mais parecia não ser entendido. E, então, usava as palavras AIDS – SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) e HIV o tempo todo nas aulas, afirmando: eu vivo com aids, mas não sou o vírus do HIV. Uma forma de ironia. Vivo com o vírus DO HIV, mas não sou ele. Não estou doente.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/6340874/nadir-nobrega-oliveira>. Acesso em: 30 jun. 2021.

---

<sup>7</sup> Disponível em ; <https://spcd.com.br/verbete/jose-carlos-arandiba-zebrinha/> Acesso em: 13 nov. 2022.

---

<sup>8</sup> Uma coletânea de poemas em torno do tema HIV/Aids não deixa de ser uma radiografia da trajetória do vírus e suas repercussões no corpo, na sociedade e na própria poesia, desde os anos 1980, momento que marcou a explosão da epidemia, até as experiências da chamada era pós-coquetel. Os noventa e sete poetas reunidos nessa edição – organizada por Ramon Nunes Mello, com título emprestado de uma crônica de Caio Fernando Abreu – rompem o silêncio a que essas siglas ficaram confinadas pelo estigma, pelo medo e pelo preconceito, criando um novo imaginário e provocando novas expressões e reflexões sobre o vírus e a linguagem. Entre os 96 poetas reunidos, de diferentes gerações, estão nomes como Silvano Santiago, Antonio Cicero, Ítalo Moriconi, Angélica Freitas, Armando Freitas Filho, Chacal, Marília Garcia, Sylvio Fraga, Antonio Carlos Secchin, Leticia Novaes, Amora Pêra, Pedro Rocha, Amaira Moira e Viviane Mosé.





A impressão que tinha é que não estava sendo ouvido, escutado. E me perguntava: o silêncio, a mudez, a falta de interlocução entre os membros do laboratório não acontecia? Será que por medo ou desinformação? O coletivo Loka de Efavirenz(2015), em podcast na SoundCloud, narra o seguinte no fragmento abaixo de sua música *Hello*.

**A AiD\$ é como uma bomba que te intoxica[...], de medo, de insegurança, de vergonha[...]**

**Isso é toxina.**

**Gás que queima e alimenta paranoias do desconhecido[...]  
Desconhecido? [...] tentam se eximir do medo da AiD\$.**

**Se afastam, costumam não pensar sobre essa angústia que plantaram em nós e que cresce em todas[...]**

**Tentam[...] mas ainda assim não podem! Ignorância ou terror? [...] O propósito é extermínio!**

*(Loka de Efavirenz, 2015)<sup>10</sup>*

Hoje, os números de mortes desse extermínio aos quais Loka de Efavirenz se refere são alarmantes. O Boletim Epidemiológico da Secretaria da Vigilância de Saúde do Ministério da Saúde em 2021<sup>11</sup> contém os números de pessoas infectadas pelo HIV e de morte por aids. No Brasil, de 2007 até junho de 2021, foram notificados no Sinan (Sistema de Informação de Agravos de Notificação) 381.793 casos de HIV e, em 2020, foram diagnosticados 32.701 novos casos.

O que desejo é que o problema da Aids não seja apagado, haja vista que “se não falamos da aids é porque ela não existe” (DANIEL, 2018). “Ainda se morre da doença, e também pelo medo, pânico, discriminação – a terceira epidemia” (DANIEL, 2018) por causa do estigma, da culpa. A aids como circunstância da vida, como um problema de todos nós, urgente enquanto problema sanitário.

Disponível em: <https://bazar-dotempo.com.br/loja/tente-entender-o-que-tento-dizer/>. Acesso em: 19 jun. 2021.

**9** [...] trata das mudanças discursivas nas abordagens da AIDS [...] a partir de 1996. Ano em que se desenvolvem potentes medicações antirretrovirais que transformariam a face da epidemia nos países onde as populações possuem acesso ao assim chamado coquetel. Inicia-se uma nova fase de dizibilidade da síndrome associada ao processo de sua “cronificação” ao mesmo tempo em que se consolida certa produção narrativa a partir da memória de acontecimentos e estigmas cada vez mais distantes (SOUSA, 2015, p.1). Disponível em: <http://seminariosmemoria-social.pro.br/wp-content/uploads/2016/03/B019-ALEXANDRE-NUNES-DE-SOUSA-normalizado.pdf> Acesso em: 13 de nov de 2022.

**10** Disponível em: <https://soundcloud.com/dandoafesta/hello-feat-loka-de-efavirenz-vivas-dando-version>. Acesso em: 05 jun. 2021.

**11** Disponível em: [file:///C:/Users/3700411/Downloads/boletim\\_aids\\_2021\\_internet%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/3700411/Downloads/boletim_aids_2021_internet%20(1).pdf) . Acesso em: 21 jun. 2021.



# ESCRE[HIV]ER

Silva em sua dissertação de Mestrado:<sup>12</sup>

Escrevi[hiv]er é um termo utilizado por Maurício da

[...] experiências de pessoas vivendo com hiv/aids, revelou o que está dentro de mim, de meu corpo positivo e humano, que corre à revelia de tudo nessas palavras que se desenrolam feito um tecelão. Nesse escrev[hiv]er busco refazer-me, colar os pedaços, fazer travessias em busca de curar algumas dores invisíveis e indivisíveis.[...] Para que isso seja possível, propus o alargamento da noção de escrevivências cunhado pela intelectual negra brasileira Conceição Evaristo. A escre(vivência), segundo a autora, é “a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido” (EVARISTO, 2005, p. 204). Proponho alguns caminhos a serviço da coletividade e concernentes às pessoas vivendo com hiv/aids, mobilizando novos fluxos a partir de nossas corporalidades ditas como subalternas. (ANUNCIAÇÃO, 2021, p. 18-19)

Falar sobre a minha vivência e as de outros corpos que vivem com HIV/AIDS ainda é doloroso. Podemos ser considerados “subalternos” e à margem da sociedade. Entendo como subalterno aqui as pessoas soropositivas, que “não pode[m] falar” e, quando tentam fazê-lo, não encontram meios para se fazer ouvir. A escritora indiana Spivak (2010), em seu artigo *Pode um subalterno*

---

**12** Natural de Feira de Santana (BA), pertencente a Salvador (BA) desde 2012. O menino dos olhos de sun, bicha preta, periférico, poeta, escrevinte e educador social. Possui Mestrado em Literatura e Cultura (2020) pela Universidade Federal da Bahia, na linha de Teorias Crítica da Literária e da Cultura, desenvolvendo pesquisa sobre Literatura negro-positiva, Literatura da aids e Literatura Pós-coquetel. Possui graduação em Letras (2018) pela mesma instituição, é reingresso no curso de Letras Clássica Moderna Português como Língua Estrangeira (PLE). Possui especialização em Linguagem e Produção de Textos (2019) pela Dom Pedro II. Desenvolve pesquisas sobre Literatura negro-posit[hiv]a, Literatura Pós-coquetel e Literatura da aids, atentando sobre as claves: hiv/aids, escrevivências, identidades, subjetividades, escrita posit[hiv]a e afetividade. Preocupa-se também com as questões relativas ao resgate de narrativas históricas de corpos subalternos, principalmente as que dizem respeito a questão de gênero, classe social, raça/cor e sexualidades. É engajado com uma educação decolonial e antirracista. Tem poemas publicados nas *Antologias Poéticas: Poesia Brasil 2019*, pela Vivara Editora Nacional; Terra, fogo, ar: coletânea lírica, pela EDUFBA, e *Vidas Perfumadas*, pela Darda Editora. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/6370580/mauricio-silva-da-anunciacao>. Acesso em: 19 jun. 2021.



falar?, afirma que um subalterno não pode falar, ser ouvido e lido se outrem falar em seu lugar, impedindo seu lugar de fala. Já para Lorde (1984),

Muitas vezes penso que preciso dizer as coisas que me parecem mais importantes, verbalizá-las, compartilhá-las, mesmo correndo o risco de que sejam rejeitadas ou mal-entendidas. Mais além do que qualquer outro efeito, o fato de dizê-las me faz bem. (LORDE, 1984, p. 18)

Segundo a feminista estadunidense, em seu ensaio *Transformação do silêncio em linguagem e ação* (1984),<sup>13</sup>

Só havia traído a mim [...] nesses pequenos silêncios, pensando que algum dia ia falar, ou esperando que outras falassem. E comecei a reconhecer uma fonte de poder dentro de mim ao dar-me conta de que não devia ter medo, que a força estava em aprender a ver o medo a partir de outra perspectiva. (LORDE, 1984, p. 19)

Mergulhar no mar de si, voltar a ser girino, voltar para a placenta. “Descobrir de qual órgão é a pesquisa?” Do umbigo, da pele. “Quais palavras-chave, quais os objetivos?”

A minha pesquisa dançada umbilical tinha uma relação materna, de afeto, de cura. E palavras-chave surgiam como, por exemplo, corpo, silêncio, invisibilidade, aids, cura. Em movimento, através da prática como pesquisa artística, tinha como objetivos estilhaçar barreiras, criar trincheiras, muros contra discriminações e preconceitos, ampliar vozes das pessoas vivendo com HIV/AIDS, empoderar mais corpos positivos e, por fim, engajar corpos pela cura da aids.

Para quem escrevemos? É necessário examinar não só a verdade do que falamos, mas também a verdade da linguagem em que o dizemos. Para outras, se trata de compartilhar e difundir aquelas palavras que significam tanto para nós. “[...] Porque só assim sobreviveremos, participando num processo de vida criativo, contínuo e em crescimento.” (LORDE, 1984, p. 19)

“Que palavras ainda faltam?” “O que é necessário ser dito, romper?” Em seu ensaio, Audre Lorde (1984) diz o seguinte: “Que tiranias vocês engolem cada dia e tentam torná-las suas, até asfixiar-se e morrer por elas, sempre em silêncio?” (LORDE, 1984, p.17)

---

**13** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao/> Acesso em: 14 nov 2022



Movido e co-movido pela experiência de laboratório como aluno-pesquisador, desfaço o silêncio vivido por mais de duas décadas, dispondo meu corpo para o engajamento pela cura social e física da aids. Com desejo de ressignificar todo o estigma social que persegue cruelmente os corpos que vivem e convivem com HIV/AIDS.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Quando assumi ser soropositivo, e propor como campo de saber a temática HIV/AIDS, passei a refletir essa **escrevivência** e fui percebendo a falta de afeto e a solidão de um corpo soropositivo, além do silêncio e da indiferença ao tratar o tema. No entanto, a experiência do Laboratório de Performance, através da aprendizagem somática e de outros métodos, possibilitou interlocução, usando vida e arte através da linguagem da Performance.

Assumi e aceitei ser soropositivo, passei da falta de espaço para a ocupação de lugares a fim de dar visibilidade às pessoas soropositivas, me abrindo para o mundo. Esse processo libertador possibilitou autonomia, força, autovalorização, autoconhecimento, amor, aprendizagem e produção de conhecimento. Tal gesto funcionou como processo de cura com a colaboração da prática como pesquisa artística (PaR) através do movimento.

“A vida é maior que a pesquisa” ou será o contrário? As perguntas fizeram-me ter coragem e desejo para escancarar esconderijos, anonimatos, segredos, fizeram-me me expor e falar abertamente sobre o tema.

Na apresentação do livro *Vida Antes da Morte*, de Herbert Daniel (2018), o autor faz a seguinte pergunta para si: “Quando adoeci, com uma infecção típica da Aids, percebi que a primeira pergunta a ser respondida é se há vida, e qual, antes da morte”. Assim como ele, passei a encarar a morte com desobediência. O destino não seria o fim e sim o começo, um recomeço.



Uma ameaça foi detectada:

**“[...] a cada passo eu me reconstruo,  
a cada espaço eu me reconstruo,”**

(Virus, 2019)

O refrão da música *Mercado Modelo*, do artista baiano, virou meu talismã e a abordagem somática me possibilitou muitos saberes. Por exemplo: escrever este artigo, organizar anteprojeto para Mestrado e entender minha vivência como pesquisador-estudante do laboratório de Performance, uma chance de conhecer a prática como pesquisa artística (PaR), a Pesquisa Somático-Performativa(PSP), que pretendo continuar articulando.

---

## REFERÊNCIAS

---

- » ANUNCIAÇÃO, Maurício Silva da. *HIV positivo, corpos que resistem: escrevivências, identidades e subjetividades* / Maurício Silva da Anunciação. – 2020. 181 f.: il.
- » DANIEL, Hebert. *Vida Antes da Morte*. Rio de Janeiro, ABIA,, 3 ed. , 2018, p. 109.
- » DANIEL, Hebert, PARKER, Richard. *AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas*. Rio de Janeiro, ABIA, 2018, p. 143.
- » FERNANDES, Ciane. A Arte do Movimento como Pesquisa Somático-Performativa: Pulsões e Territórios do Laboratório de Performance do PPGAC/UFBA Revista Cena, Porto Alegre, no 32, p. 73-82 set./dez. 2020 Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/cena> Acesso em: 28 maio 2021.
- » FERNANDES, Ciane. Em busca da escrita com dança: algumas abordagens metodológicas de pesquisa com prática artística. *Dança*, Salvador, v. 2, n. 2, p. 18-36, jul./dez. 2013



- » FERNANDES, Ciane. Pesquisa Somático-Performativa: Sintonia, Sensibilidade, Integração. Revista de Pesquisa em Arte . ARJ | Brasil | Vol. 1/2 | p. 76-95 | Jul./Dez, 2014.
- » FERNANDES, Ciane. A Arte do Movimento na Prática como Pesquisa. Anais da ABRACE. Salvador: Bahia, UFBA, 2018. p.24
- » FONSECA, Franco W. Lima da. Agora chupa essa manga – a cena pós-coquetel: interfaces da aids nas artes da cena. Cadernos de resumos expandidos. Resumos do 10o Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/CAC/ECA/USP, São Paulo-SP, p. 48-58, 6 a 10 de dezembro, 2021.. p. 155 f.: il.
- » GRADA, Kilomba. *Memórias de uma plantação*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- » GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, 4 ed. LTC, 2012.
- » hooks, bell. Intelectuais Negras. Revistas Estudos Feministas. V.3, n. 2, 1995, p.454-478. Vivendo de amor. In: *Gelédes*, 2010, s.p. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/> Acesso em: 20 maio 2021.
- » hooks, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.
- » MOMBACA, Jota. *Pode um cú mestiço falar?* Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>. Acesso em: 20 maio 2021.
- » LORDE, Audre. *Ensaios e Conferências*, 1984. Apresentação lida no painel sobre Lesbianismo e Literatura, da Associação de Língua Moderna, em Chicago, Illinois, 28 de dezembro de 1977, publicada pela primeira vez em 1978, no volume 6 de Sinister Wisdom, revista de feminismo radical.
- » SCIALOM, Melina . A prática-como-pesquisa nas artes da cena: discutindo o conceitos, metodologias e aplicações. In: Fernandes, Ciane; Santana, Ivani; Sebiane, Leonardo.(Orgs.) Performance, Somática e Novas Mídias.Salvador: EDUFBA, 2021.
- » SOUSA, Francisco das Chagas Alexandre Nunes de. Literatura e cinema pós-coquetel: da epidemia discursiva aos silenciamentos nas narrativas. Minicurso no II Seminário Internacional Desfazendo Gênero, realizado na Universidade Federal da Bahia, em 6 de setembro de 2015.